

## Editorial

---

**A** proximidade do novo milênio se nos aparece como um vertiginoso turbilhão de novidades e transformações. Quem tem por ofício dedicar-se à análise da conjuntura deveria enfrentar grande dificuldade para acompanhar um movimento de tanta intensidade. No entanto nossos leitores mais assíduos muito possivelmente não identifiquem esse sentimento no acompanhamento de nossa revista. Ao contrário, muitos assuntos, temas e interpretações parecem recorrentes ou repetitivos. Crescimento baixo, desemprego elevado, mundialização, instabilidade financeira, desequilíbrio das contas externas, integração regional, todos esses são fenômenos que há vários anos vêm ocupando a maior parte do espaço desta publicação. Que estranha conjuntura é essa com tão pouca novidade numa época que se diz de grandes transformações? O que há por detrás dessa mesmice para que tanta novidade possa estar acontecendo? No **Tema em Debate** deste último número de 1996 propusemos a discussão exatamente de um, ao mesmo tempo, novo e velho tema, um movimento que acompanha o desenvolvimento do capitalismo desde as suas origens e que combina dois processos antagônicos: por um lado, uma tendência à extroversão das economias nacionais, que amplia os fluxos internacionais de mercadorias e de capital, e, por outro, uma tendência contraditória no sentido de circunscrever as relações econômicas nos limites de fronteiras regionais. A marca do novo tempo traz a poeira de séculos nas palavras mundialização e regionalização.

O artigo de Alain Lipietz, que abre a seção **Tema em Debate**, relembra a situação do Império Romano no século IV, com sua região central próspera dividida em quatro prefeituras — Gália, Ilíria, Oriente e Itália e África —, cercada por um anel de reinos enfudados que o isolavam das terras estrangeiras dos bárbaros. Um desenho muito semelhante descreve o mundo do final do século XX: uma zona central organizada em três blocos continentais, sob a liderança dos Estados Unidos, da Alemanha e do Japão, respectivamente, com uma zona intermediária de países “emergentes”, como o Brasil, que lutam para serem admitidos nas fronteiras do “império” da OCDE. E, para além desse grupo, os deserdados da terra, espécie de novos bárbaros, inúteis às forças econômicas dominantes, as nações andinas, a África, o interior da Índia e da China, onde mal sobrevive mais da metade da população mundial.

*Dentro desse mesmo tema em debate, em seqüência, o trabalho de Andrés Musacchio analisa o processo de regionalização europeu, o mais ambicioso processo de integração em curso. Seguem-se o trabalho de Joachim Becker, em que os projetos da União Européia e do Mercosul são comparados, e o texto de Paulo A. P. Pinto sobre o bloco econômico Ásia-Pacífico. A seção é fechada pelo artigo de Yong He sobre a internacionalização da economia chinesa.*

*Na última parte da revista, **Artigos de Conjuntura**, temos uma discussão sobre o processo de privatização da siderurgia argentina, de Germano Mendes de Paula, uma sempre oportuna reflexão sobre uma experiência que antecipou em muito os caminhos da política econômica brasileira. Logo adiante, o artigo da colega Clítia Helena Backx Martins apresenta alguns resultados preliminares de uma pesquisa em andamento na FEE sobre a localização espacial da pobreza no Rio Grande do Sul.*

*Como referíamos acima, a revista abre com a análise conjuntural realizada pelos núcleos de estudos vinculados à Diretoria Técnica da FEE, que têm como uma de suas atividades acompanhar o dia-a-dia das economias gaúcha e brasileira. Desta feita, estamos apresentando as análises realizadas, com as informações disponíveis até o Natal, sobre o desempenho da economia brasileira no ano de 1996. Como vimos fazendo desde o primeiro número deste ano, o desempenho da economia gaúcha será detalhadamente analisado na próxima edição. E é sobre a realidade constatada nessas análises que vínhamos alertando o leitor desde o início. Desempenho aquém do potencial das safras agrícolas, baixo nível da atividade industrial, crescente desequilíbrio das contas públicas, continuidade da instabilidade financeira e do sobreendividamento de vários agentes e déficit na conta corrente com o Exterior. Seria melhor que a realidade não fosse essa, mas não podemos anotar no ano de 1996, fora a persistência de níveis baixos de inflação, outros resultados positivos para a economia brasileira. O saco quase vazio de Papai Noel, a não ser por umas poucas bugigangas "made in China", teve, talvez, maior eloqüência do que nossas análises, infelizmente.*